

## AS CIDADES INVISÍVEIS QUE HABITAM OS SIGNOS

Carlos Roberto Nogueira de Vasconcelos<sup>1</sup>

### Resumo

A obra *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino, dialoga explicitamente com *Il milione* (*Viagens de marco polo*), atribuída a Rusticiano de Pisa. Mais de sete séculos separam esses dois relatos. Não obstante ser o primeiro um produto da imaginação e o segundo um texto pretensamente histórico, coadunam-se pelo encantamento permanente que as viagens exercem sobre o ser humano, tornando-se tema recorrente na literatura, desde Homero. O ato de viajar se modificou. As tecnologias abreviaram o tempo e tragaram as distâncias, reduziram os perigos e aumentaram o conforto. Hoje, com as mãos desocupadas do leme e da rédea, a mente também se pôs livre. Com o corpo presumivelmente seguro e bem acomodado, o homem passou a empreender aventura não menos envolvente: a viagem interior. Tomando como suporte os livros *Il milione* (*Viagens de Marco Polo*) e *As cidades invisíveis*, propõe-se com o presente artigo reiterar o diálogo entre tais obras, escritas em épocas e contextos diferentes, valorizando-se o símbolo que ressignifica a cidade e seus labirintos, imagem tão contumaz em Jorge Luís Borges, que justamente no poema “Labirinto” conclama: “Não esperes que o rigor de teu caminho, que teimosamente se bifurca em outro, tenha fim”. (BORGES, 1970, P, 15). Que as obras se diluem em outras para renová-las, reafimá-las ou reinterpretá-las é o que buscamos verificar.

### Palavras-chave

Cidades, Ítalo Calvino, Marco Polo, Viagem.

### Abstract

The book *Invisible Cities*, Italo Calvino, dialogues explicitly with *Il milione* (*Travels of marco polo*), attributed to Rustician of Pisa. Over seven centuries separate these two accounts. Despite being the first a product of the imagination and the second a text allegedly historical, are in line for permanent enchantment that travel has on the human being, becoming a recurring theme in literature, from Homer. The act of traveling has changed. The technology shortened the time and downed distances, reduced hazards and increased comfort. Today, with your hands free rein and rudder, the mind also is set free. Body presumably safe and well accommodated, the man began to undertake no less immersive adventure: a trip inside. Taking the medium of books *Il milione* (*Travels of Marco Polo*) and *Invisible Cities*, it is proposed to this article reiterate the dialogue between these works, written at different times and contexts, valuing the symbol that reframes the city and its mazes, picture so stubborn in Jorge Luis Borges, who just in the poem "Labyrinth" urges: "Do not expect the rigor of thy way, that stubbornly forks in another, has an end." (Borges, 1970, P 15). That the works are diluted in other to renew them, reafimá them or reinterpret them is what we seek to verify.

### Keywords

Cities, Italo Calvin, Marco Polo, Journey.

---

<sup>1</sup> Carlos Roberto Nogueira de Vasconcelos (carlosvazconcelos@hotmail.com) é graduado em Letras pela Universidade Estadual do Ceará - UECE (1997). Cursa Mestrado em Letras na Universidade Federal do Ceará - UFC. É supervisor de Literatura no SESC/CE, onde também produz e media o Projeto Bazar das Letras (entrevistas com escritores e lançamentos de livros).

## 1 Introdução

A viagem de Marco Polo durou 24 anos, a pé, em lombo de animal, a bordo de navios. Quase um milênio depois, Calvino ressuscita o Marco Polo que há em si, em nós, e revive poeticamente o itinerário de enigmas e revelações percorrido pelo italiano filho de Veneza, que tinha tudo para ser um estático comerciante por herança, jamais por convicção. Marco Polo percorreu milhares e milhares de quilômetros, cruzou impérios, desvendou civilizações. Calvino enveredou pelos labirintos da imaginação e recriou, em nome de Marco Polo, novas cidades, buscando imprimir nelas mistérios tão vastos e convincentes quanto o primeiro Marco Polo, mesmo que, ironicamente, possa ter escrito alguma página dentro de um avião, sobrevoando o solo pátrio que ficou marcado pelos pés de outros viajantes menos sofisticados. *Il milione* chegou-nos possivelmente adulterado, censurado, corrigido, reinterpretado ao longo dessa viagem de séculos.

Escrito numa língua franco-italiana, foi traduzido, copiado, modificado, adaptado, conforme o espírito de cada época, mas resistiu e renasceu num livro que se tornou um clássico contemporâneo. Nas viagens literárias o círculo não se fecha, a aventura prosseguirá em espiral indeterminadamente. O Marco Polo de Calvino é um aficionado da palavra, traduz o que viu com os recursos da estética, poetizando, inventando quando a memória falha, lembrando quando a imaginação vacila. O Marco Polo de Calvino faz contraponto com um Kublai Khan realista e preciso, às vezes mal-humorado e cético. O primeiro Marco Polo devia ser um poeta na sua paixão pela essência, no seu apego às descobertas, na vidência dos signos que a realidade imediata tende a esconder dos olhares menos argutos. Marco Polo, que transitou pela Índia poderia, se houvesse possibilidade temporal, adotar as palavras de outro poeta que veio depois e conheceu uma Índia diferenciada pela ação dos séculos, e se perguntava

O que me atraía? Era difícil responder: Human kind cannot bear much reality.\* Sim, o excesso de realidade torna-se irrealidade, porém essa irrealidade tinha se convertido para mim em um súbito balcão do qual eu assomava: em direção a quê? Na direção do que está mais além e que ainda não tem nome... Minha repentina fascinação não me parece insólita: naquele tempo eu era jovem poeta bárbaro, arrojado, juventude, poesia e barbárie não são inimigas: no olhar do bárbaro há inocência, no do jovem, apetite de vida, e no do poeta há assombro. (PAZ, 1996, p. 18).

## 2 A cidade que se narra

Calvino faz renascer em seu Marco Polo a Sherazade, signo da narrativa irresistível, essencial. É essa oralidade que encanta, esteja ela forjada na imaginação ou refletida na memória. O principal personagem de Calvino é o narrar (a troca, a memória, o símbolo, o desejo) que Khan não almeja, em sua fixação pelo concreto, mas não resiste. Narrador e narratário se reconhecem, se desvendam, ao ponto de Khan indagar (ele mesmo confuso): “Você avança com a cabeça voltada para trás?” (CALVINO, 2003, p. 28)

Na narrativa atribuída a Rusticiano de Pisa, espaço e tempo se fundem, na tentativa de metaforizar o tempo como um rio invisível que não nasce nem morre nem meandra: “A planície tem extensão de cinco dias e fica ao sul.” (Il Milione, 1989, p. 26). Esse modelo é seguido por Calvino: “A três dias de distância, caminhando em direção ao sul, encontra-se Anastácia...” Logo no início Calvino esclarece que Kublai Khan talvez não acredite “em tudo o que diz Marco Polo” (...) mas “certamente continua a ouvir o jovem veneziano com maior curiosidade e atenção do que qualquer outro de seus exploradores.

A intenção da simbiose entre espaço e tempo, em Calvino, se reforça no trecho sobre a cidade de Zaíra:

Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quantas lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado. (CALVINO, p. 14).

Esse entrelaçamento entre dimensões espaciais e temporais prefigura uma marca da oralidade.

A cidade é narrativa. Mesmo quando o tempo passa e transforma uma cidade em outra, a palavra permanece: “O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamar, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes.” (CALVINO, 2003, p. 18).

## 3 A cidade traduzida em signos

O narrador amolda a cidade não ao seu *modus operandi*, mas à experiência do outro. É o caso do cameleiro e do marinheiro. Ambos definem a cidade conforme o ponto de vista do outro. O cameleiro imagina a cidade “como uma embarcação que pode afastá-lo do deserto, um veleiro que esteja para zarpar” (CALVINO, 2003, p. 21) Enquanto que o marinheiro, “na neblina costeira, distingue a forma da corcunda de um camelo”. (CALVINO, 2003, p. 21) A cidade é alteridade, é o

individual, mas também o coletivo. É real, mas também é sonho, corrobora o estar no mundo, mas também estimula a imaginação.

A cidade está além de sua própria existência, assume uma paraexistência, através do que representa: “A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir (CALVINO, 2003, p. 23). No entanto, os símbolos vão além das palavras e às vezes se reforçam com insígnias, necessárias para desabstrair, para complementar a língua que eventualmente não dá conta das definições. Para Jakobson, “numerosos traços poéticos pertencem não apenas à ciência da linguagem, mas a toda a teoria do signo, vale dizer à semiologia geral.” (JAKOBSON, 2007, p. 119). Daí a necessidade de Marco Polo se exprimir “com gestos, saltos, gritos de maravilha e de horror, latidos e vozes de animais ou com objetos que ia extraindo dos alforjes: plumas de avestruz, zarabatanas e quartzos, que dispunha diante de si como peças de xadrez.” (CALVINO, 2003, p. 25)

Embora soe verdadeiro que “tudo o que Marco mostrava tinha o poder dos emblemas, que uma vez vistos não podem ser esquecidos ou confundidos” (CALVINO, 2003, p.26) nada substitui a palavra dita, significada, apurada em sua essência, pois “a memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir” (CALVINO, 2003, p. 23). Por isso, “com o passar das estações e das missões diplomáticas, Marco adestrou-se na língua tártara e em muitos idiomas de nações e dialetos de tribos. As suas eram as narrativas mais precisas e minuciosas que o Grande Khan podia desejar.” (CALVINO, 2003, p. 26). Mas a palavra enseja verdades concretas e principalmente abstração, e Khan se envolve, presa da poesia, embora desconfie e questione:

Os outros embaixadores me advertem a respeito de carestias, concussões, conjuras; ou então me assinalam minas de turquesa novamente descobertas, preços vantajosos nas peles de marta, propostas de fornecimento de lâminas adamascadas. E você? – o Grande Khan perguntou a Polo. – Retornou de países igualmente distantes e tudo o que tem a dizer são os pensamentos que ocorrem a quem toma a brisa noturna na porta de casa. Para que serve, então, viajar tanto?” (CALVINO, 2003, p. 26).

A cidade que o Grande Khan almeja é cristalizada, a que Polo lhe apresenta é chama, pulsação. A cidade estática, estável, fica presa nos cartões postais, assim como Maurília: “Para não decepcionar os habitantes, é necessário que o viajante louve a cidade dos cartões-postais e prefira-a à atual, tomando cuidado, porém, em conter seu pesar em relação às mudanças...” (CALVINO, 2003, p. 30). Para Marco Polo, a restituição de um grafito, encontrado em Pompeia, conforme citado em Pompeia, cidade viva (Alex Butterworth, Ray Laurence, Rio de Janeiro: Record, 2007) lhe serviria: “Nada dura para sempre; mesmo brilhando como ouro, o sol tem que mergulhar no mar, a lua também desapareceu embora reluzisse até há pouco.”

Octávio Paz, ao falar de Paris, que foi instruído a deixar para se transferir à Índia, também compartilhava dessa sensação: “Paris era, para mim, uma cidade mais que inventada,

reconstruída pela memória e pela imaginação.”

#### 4 Cristal e Chama

É Calvino quem propõe a dicotomia do cristal e da chama para emblematizar a cidade. O cristal é a forma da racionalidade geométrica e a chama traduz a ebulição dos elementos, do emaranhado. O Marco Polo de Calvino é um narrador sensível, um poeta dos signos, um homem que vê as coisas com os olhos da alma. Kublai Khan, o narratário, é exato, pouco afeito às abstrações, às vezes até mal-humorado com a imprecisão do seu embaixador, e o questiona:

– Você viaja para reviver o seu passado? – era, a esta altura, a pergunta do Khan, que também podia ser formulada da seguinte maneira: – Você viaja para reencontrar o seu futuro?

E a resposta de Marco:

– Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá. (CALVINO, 2003, p. 29).

É ainda Calvino, em *Seis Propostas para o Próximo Milênio*, que ressignifica a cidade, para não esquecermos que SIGNIFICAR é dar a ver o valor do SIGNO: “A cidade é o símbolo capaz de exprimir a tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado das existências humanas.” (CALVINO, 1990, p. 85). A cidade de Marco Polo é chama, a de Khan é cristal. A cidade será sempre tensão entre cristal e chama. Em termos gerais, a cidade de Leônia emblematizaria o ideal da chama, pois Leônia se refaz todos os dias, reinaugura-se a cada manhã, cidade do sempre novo, do descartável, cidade que se pretende marco zero. Faz contraponto com a cidade de Zora, que, sem a pulsação da chama, cristalizou-se, tornou-se um ramo seco, não germina, está destinada ao esquecimento: “Se o passado se congela, se torna um ramo seco, sem possibilidade de germinação, está destinado ao esquecimento, como acontece àquela cidade de Zora que obrigada a permanecer imóvel e imutável para facilitar a memorização, definhou, desfez-se e sumiu. Foi esquecida pelo mundo. A viagem até ela é inútil: nela não se reencontra o passado.”

Outras significações para a cidade são a babel e o labirinto, que podem ser emblematizadas pela cidade de Cecília. Nela os moradores se perdem e quando se comunicam não falam a mesma língua: “Pelas ruas de Cecília, cidade ilustre, uma vez encontrei um pastor que conduzia rebanho aos muros um rebanho tilitante:

– Bendito homem do céu – Parou para me perguntar –, saberia me dizer o nome da cidade em que nos encontramos?

(...)

Passaram-se muitos anos desde então; conheci muitas cidades e percorri continentes. Um dia, caminhava entre as esquinas de casas idênticas: perderei-me. Perguntei a um passante:

– Que os imortais o protejam, poderia me dizer onde nos encontramos;  
– “Você está em Cecília, infelizmente! Há tanto tempo caminhamos por essas ruas, eu e as cabras, e não conseguimos sair.”

Reconheci-o, apesar da longa barba branca: era aquele pastor.

Agora o espanto é de Marco Polo, de ter entrado numa cidade e não ter saído dela, cidade contínua, sem exterior, que está em todos os lugares. Conclusão: a cidade é babel e labirinto.

## 5 Conclusão

Se em *Il milione* as narrativas têm pretensões históricas, reais, em *As cidades invisíveis* o autor propõe viagens supostamente espaciais, mas na verdade a investida se dá no campo da semiologia, no detalhe dos signos e das representações dos objetos. Essa viagem sígnica é uma tentativa de interpretar e até de poetizar. A obra de Calvino retoma a narrativa e o contexto de Marco Polo, tornando-se, para utilizar um termo de Gérard Genette em *Palimpsestes*, um hipertexto daquele, uma derivação. O texto de Calvino funciona como memória do texto anterior, restitui o texto atribuído a Rusticiano, conforme Tiphaine Samoyault,

a literatura se escreve com a lembrança daquilo que é, daquilo que foi. Ela a exprime, movimentando sua memória e a inscrevendo nos textos por meio de um certo número de procedimentos de retomadas, de lembranças e re-escrituras, cujo trabalho faz aparecer o intertexto (2008, p. 47).

*As cidades invisíveis* e *Il milione* dialogam, entrecruzam signos e ressignificam a viagem, o estar e o deslocar-se, as cidades que, a despeito de serem babel e labirinto, habitam os signos e são principalmente cristal e chama em seu processo permanente de mutação.

## 6 Referências Bibliográficas:

BORGES, Jorge Luís. *Elogio da Sombra-Perfis*. Trad. Rio de Janeiro: Editora Globo

BUTTERWORTH, Alex e LAURENCE, Ray. *Pompeia, a cidade viva*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Seis propostas para o próximo milênio*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2006.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

PAZ, Octávio. *Vislumbres da Índia, um diálogo com a condição humana*. São Paulo: Mandarim, 1996.

SAMOYAULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

*Viagens de Marco Polo - Il Milione*. São Paulo: Clube do Livro, 1989.